

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE – FANESE  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO - NPGE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

**TAISSA SILVA SANTOS**

**O PROCESSO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO  
ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão bibliográfica**

ARACAJU/SE

2017

**TAISSA SILVA SANTOS**

**O PROCESSO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO  
ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão bibliográfica**

Artigo apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE, como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.

Orientadora:  
Prof. Ma. Cândida Luísa P. Cruz

Coordenação do Curso:  
Profa. Ma. Mônica Maria Soares Rosário

ARACAJU/SE

2017

**TAISSA SILVA SANTOS**

**O PROCESSO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão  
bibliográfica**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão –  
NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como  
requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e  
Diversidade Linguística.**

---

**Prof. Ma. Cândida Luísa P. Cruz**

---

**Profa. Ma Mônica Maria Soares Rosário**

---

**Taissa Silva Santos**

**Aprovada com média \_\_\_\_\_**

**Aracaju (SE), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.**

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por prejuízos significativos na interação social, na linguagem (verbal e não verbal) e pelos padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados. A partir dos primeiros anos de vida, a criança deve ser observada por seus cuidadores para que as possíveis implicações no desenvolvimento comunicativo e interacional possam ser intervencionadas por especialistas, a identificação precoce é importante para desenvolver as defasagens que o autista tenha e suas possíveis limitações. Atualmente encontramos um quantitativo crescente de pessoas com autismo, bem como o crescente número de estudos sobre TEA. Nessa pesquisa, busca-se conhecer as produções científicas acerca do autismo e da linguagem. A partir de teorias que norteiam o desenvolvimento linguístico no autismo e os processos de aquisição de linguagem na pessoa com TEA. Claramente, o indivíduo possui todas as condições para falar, mas ela não consegue ou manifesta dificuldade nesse processo, dependendo da sua estimulação precoce. Tal estudo mostra que a ecolalia é uma das características da linguagem autista.

**Palavras-chave:** Autismo. Aquisição de Linguagem. Linguagem.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>03</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUA INTERFACES.....</b>	<b>07</b>
<b>3 O PODER DA LINGUAGEM .....</b>	<b>11</b>
<b>4 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM AUTISTAS.....</b>	<b>13</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade sofreu fortes transformações bem como a ciência com sua evolução constante que ao produzir bens de consumo, aumentou a comunicação entre as pessoas, mas também distanciou uma das outras. Essas diversas mudanças são da ordem afetiva, econômica, intelectual e social. Esse distanciamento contribui para a individualização da pessoa, ou seja, a globalização é uma realidade que atua na subjetividade do ser humano. Com isso, a pessoa tem a possibilidade de opção, a mulher moderna tem conseguido seu lugar no espaço e passa a ter liberdade de escolha, pode optar por exercer várias funções, ser uma excelente dona de casa e mãe e/ou ter uma vida profissional, cabe a ela decidir o momento para constituir família e ter filhos ou não.

Em contrapartida, a cada 88 nascimentos, uma criança é autista. É uma realidade que requer profissionais qualificados, escolas preparadas e adaptações curriculares. No intuito de conhecer sobre o autismo e sua linguagem nas transformações da sociedade na contemporaneidade, busca-se diferentes autores que escreveram sobre a temática e as características de grupo.

A necessidade de pesquisa surgiu a partir da curiosidade em conhecer o autista, pelo fato de conviver com uma criança com o espectro em nossa sala de aula, enquanto professora, sua presença atiçou minha curiosidade e fez com que buscasse atualização na área. Todavia, a Linguística sempre foi um fascínio, as exigências foram mútuas. Nas observações, a linguagem do aluno mostrava-se diferenciada, monossilábica, repetitiva e truncada. Por meio desse estímulo, escolhe-se o referido tema pela necessidade de compreender o processo de aquisição da linguagem em crianças autistas.

Esta pesquisa tem como tema: o processo da linguagem em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão bibliográfica. Partindo da seguinte questão norteadora: o que a produção científica tem produzido sobre linguagem e autismo? Buscando responder esta questão trabalhou-se com o seguinte objetivo geral: conhecer as produções científicas sobre autismo e linguagem. Como específicos: descrever as teorias que norteiam o desenvolvimento linguístico no autismo e conhecer o processo de aquisição de linguagem na pessoa com TEA.

Esse artigo foi dividido em cinco capítulos para uma melhor discussão do tema. No primeiro apresentamos as mudanças na sociedade, nossa justificativa e motivações, bem como o objetivo geral e os específicos. No segundo capítulo aborda o surgimento, conceito,

características e diagnósticos do autismo; no terceiro, discute a função e o desenvolvimento da linguagem humana; no quarto, observa-se o processo de aquisição da linguagem em autistas. Visando discutir o tema sob a ótica de pesquisadores de várias áreas de conhecimento. E por fim, conclui-se o referido trabalho.

Para explicitar o tema Transtorno do Espectro Autista (TEA) é preciso utilizar os conceitos de alguns teóricos como: Bordini, Caetano e Cunha, Junior e Pimentel, Pavarini e Souza e entre outros. Como suporte para os critérios diagnósticos usa-se o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais. Para discutir a linguagem empregam-se autores: Rêgo e Carvalho, Piaget, Lacan, Fiorin, Perissinoto e Tamanaha, Davis e Oliveira, dentre mais. E outros como: Chevrie-Muller e Narbona, Mogford e Bishop, De Lemos, Fernandes, Carvalho e Avelar para finalizar as análises sobre o processo da linguagem do autista.

Utilizam-se as seguintes bases: Periódicos CAPES, SciELO, Google Acadêmico, Banco de Teses e Dissertações CAPES, utilizando os descritores: autismo e linguagem. Foram encontrados 14 artigos, entretanto, 4 artigos foram revisados, ao analisar cada palavra individualmente foram encontrados 9 trabalhos sobre autismo, somente 6 lidos por se tratarem do mesmo objeto de estudo. Com o descritor linguagem possui 14 estudos, explorados 4 deles pelo fato da objetividade. Os textos lidos e escolhidos são classificados como objetivos, focados na linha de pesquisa deste estudo. Foram retiradas as partes principais e citadas no texto consideradas de suma importância para a produção do texto.

Este trabalho desmembra uma pesquisa limitada ao método indutivo, é uma pesquisa bibliográfica através de produção científica nos últimos três anos, de diversos autores. Segue uma linha sociológica sobre o estudo dos processos de linguagem do autista. Quanto à forma de abordagem enquadra-se, ainda, como qualitativa, vez que as informações não são quantificáveis e os dados como já descritos são analisados indutivamente.

Reunido por textos de diferentes teóricos em suas diversas áreas: Linguística, Letras, Fonoaudiologia, Psiquiatria, Psicologia, dentre outras. Apresentando uma discussão objetiva sobre o Transtorno do Espectro Autista, com atenção especial para os processos de linguagem. Parte de uma abordagem relevante para compreender essa condição que não significa incapacidade, mas faz-se necessário entender que o diagnóstico do autismo se dá por avaliação multidisciplinar através de diagnóstico médico e avaliação clínica de diferentes profissionais, suporte da família e acompanhamento da escola.

## 2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUA INTERFACES

No século XIX, Sigmund Freud propagou a teoria das experiências nos primeiros anos de vida da criança, a falta de atenção, afeto materno, diálogo com o bebê ou até mesmo as consultas médicas poderiam causar distúrbios no desenvolvimento do bebê. Para ele, essa figura central é a mulher, mais precisamente, a mãe. Visto que a mãe é referência para aprendizado e desenvolvimento humano e suas inúmeras habilidades são adquiridas através da relação mãe e filho, desde o ventre até depois do nascimento. Para Freud, a mãe era a principal causadora do autismo, denominada de “mães geladeiras”. (PIONTELLI, 1995). Controversas a parte não existe ainda uma causa concreta e estabelecida para o nascimento de uma criança com autismo. Inúmeras teorias surgem, mas não foram confirmadas.

O termo autismo foi inicialmente estudado a partir do século XX, descrito como uma “psicose infantil”. Nos anos 40, uma nova ideia ganhou força com o psiquiatra Leo Kanner, excluindo a hipótese de Freud. Em suas observações, ele concluiu que as mães tinham dificuldades de se relacionar com filhos autistas e muitas não tinham entendimento da síndrome. As teorias de Kanner foram estudadas e popularizadas por outros importantes teóricos (MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE DISTÚRBIOS MENTAIS, 2014).

Nas últimas décadas, com o aumento do número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), houve necessidade de programas de intervenções terapêuticas adaptadas às carências específicas de cada criança e a eficácia do tratamento deve ser medida com os avanços da criança, além do suporte para a família. A instrução deve focar nas habilidades de comunicação, instrução social e padrões comportamentais. O que está definido é a importância do diagnóstico precoce, bem como do início das terapias com brevidade.

O autismo é um transtorno que compromete o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social que parte do grau leve ao severo, geralmente pode ser evidenciado e, conseqüentemente, diagnosticado a partir dos primeiros anos de vida, pois é nessa fase que há progresso no desenvolvimento da linguagem (BORDINI, CAETANO e CUNHA, 2015). De fato, uma inaptidão que aborda diferentes saberes que ao serem trabalhados pela Linguística recebem uma dimensão diferente, um olhar mais rebuscado.

Sabe-se que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano que se comunicam por meio de signos. Qualquer indivíduo a partir dos três anos de idade, já adquire esse dispositivo complexo que é uma língua. Com exceção daqueles que tenham problemas psíquicos ou neurológicos, que possuem déficit na fala (FIORIN, 2013). Algumas crianças autistas conseguem falar, já outras não conseguem desenvolver a mesma. Partindo do princípio que a comunicação é uma necessidade natural do ser, a linguagem autista apresenta alterações no processo de aprendizagem e/ou atraso na aquisição. Com efeito, esse será o ponto principal dessa pesquisa reflexão: a linguagem do autista.

Em meados de 1908, Eugen Bleuler, psiquiatra suíço, utilizou o termo autismo pela primeira vez para definir o “estado do eu” como um conjunto de sintomas ligados à esquizofrenia. Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner fez seus primeiros relatos descrevendo 11 crianças entre dois e oito anos de idade diagnosticando a inaptidão de se relacionar, de usar a linguagem como meio de comunicação, apego à rotina e estereotípias.

Em 1944, o psiquiatra e pesquisador austríaco, Hans Asperger escreve o artigo “A psicopatia autista na infância”, publicado uma ano depois. Ele observou que a síndrome comportamental apresentava mais em meninos. A princípio, suas publicações tiveram pouca atenção por terem sido publicadas em alemão e está em um período de guerra. Somente na década de 1980, ele foi reconhecido como um dos pioneiros no estudo do autismo, deixando reconhecida a Síndrome de Asperger.

Somente em 1952, surge o Transtorno do Espectro Autista (TEA), termo médico originado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), que faz referências à amplitude de diversas síndromes do autismo. Novos estudos trouxeram mudanças significativas, com essa nova definição, a Síndrome de Asperger pode ser considerada uma forma mais característica do autismo segundo o MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE DISTÚRBIOS MENTAIS, 2014.

Para Bordini, Caetano e Cunha (2015), o autismo é um termo usado para caracterizar quadros de transtornos mentais que, podem variar de acordo com o diagnóstico clínico, qualidade de comprometimento ou gravidade. Essa noção de espectro, conceito da Psiquiatria moderna, faz com que se utilize o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) quando faz-se referência a um grupo de doenças heterogêneas do desenvolvimento que afetam duas áreas principais: a interação social, linguagem verbal e não-verbal; e padrões de comportamento, interesse e atividades repetitivas e estereotipadas.

Por muitos anos, o autismo era tido como uma psicose infantil, mas com o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID) passa a caracterizar síndromes com distúrbios em

sociabilização e linguagem que a partir de novos estudos, fica mais clara a evolução desses quadros. Estudos epidemiológicos mostram que nas últimas décadas casos de TEA tenham aumentado (JUNIOR E PIMENTEL, 2000). Essa variação nas taxas se dar devido a um maior conhecimento do transtorno para a sociedade, tanto os profissionais da educação como os da saúde.

De acordo com Acampora (2016), com o surgimento do termo necessidades educativas especiais<sup>1</sup>, o atendimento de alunos com deficiência evoluiu de 1998 a 2002, em 15%. Passando de 43.923 matriculados em 1998, para 110.536 em 2002. Isso quer dizer um aumento significativo da inclusão nas escolas regulares. Existem descrições diagnósticas da Classificação Internacional das Doenças (CID) que definem Transtornos Globais do Desenvolvimento como alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, que compromete as relações sociais, a comunicação ou estereotípias motoras cognitivas.

O autismo compreendido como alteração que afeta a capacidade de se comunicar, relacionar e responder apropriadamente ao ambiente, síndrome de Asperger considerada uma síndrome do TEA, o que difere é não apresentar nenhum atraso ou retardo global no desenvolvimento cognitivo ou da linguagem, síndrome de Rett que compromete as funções motoras e intelectuais criando distúrbios de comportamento e dependência, transtorno desintegrativo da infância é normal durante pelo menos os dois primeiros anos de vida, depois, há perda das habilidades já adquiridas e o transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação/TID-SOE é necessário preencher critérios no campo social e em mais um de dois outros domínios comunicação ou comportamento para fechar o diagnóstico.

Esses transtornos podem ter critérios diagnósticos diversificados entre as categorias descritas pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014) onde realizou algumas mudanças, considerando apenas dois critérios: o prejuízo na socialização e comunicação; e comportamentos repetitivos e estereotipados. As subdivisões da classificação anterior foram substituídas por Transtorno do Espectro Autista e especificadores de gravidade, deficiência intelectual e prejuízo da linguagem. Para preencher uma análise é necessário que os sintomas do primeiro grupo estejam existentes e, pelo menos, dois do segundo grupo se façam presentes. Abaixo, a descrição dessas duas esferas:

1) Prejuízo na socialização e comunicação, o indivíduo apresenta perda: na reciprocidade social e emocional, comportamentos não-verbais e nos relacionamentos.

---

<sup>1</sup> Hoje o termo utilizado é pessoa com deficiência.

2) Comportamentos repetitivos e estereotipados, manifestados por: movimentos motores, uso de objetos ou linguagem repetitiva ou estereotipada; aderência inflexível a rotina ou padrões ritualizados de comportamentos verbais e não verbais; interesses em algo com foco e intensidade anormal; reação exagerada ou falta a percepções sensoriais do ambiente.

Ressalta-se que uma boa avaliação, de qualquer quadro, precisa focar na observação interdisciplinar para que possa suprir ou melhorar inaptidões. O primeiro diagnóstico é fazer uma investigação aprofundada da criança por meio de observações. Deve-se dar atenção para o desenvolvimento, como: aquisição das habilidades motoras, linguagem, interação social, possíveis atrasos neuropsicológicos, desvios de comportamento (movimentos excessivos com o corpo ou as mãos/ repetições de palavras ou frases). As brincadeiras e o uso dos objetos merecem ser minuciosamente observados, pois tem preferência por objetos e movimentos circulares.

Aponta Pavarini e Souza (2010) que a Teoria da Mente estuda casos de TEA mostrando a dificuldade ao mostrar estado mental a si próprio e ao outro. Na prática clínica, conceitua-se como ausência de expressar reações emocionais ou sentimentos (raiva, dor, preocupação, carinho), ter conhecimentos sociais pela observação e levar termos de estados mentais na linguagem. Outro fator relevante na avaliação é a atenção compartilhada, ou seja, a capacidade de coordenar e dividir atenção visual com o próximo ou interesses. Isto é um indicador de aprendizado social importante para o progresso do ser. De acordo com Stone e Koupnik (1981), a criança autista não tem contato visual com os outros, não demonstram interesse ou atenção, porém não são surdas ou mudas. É entendido como uma particularidade do transtorno do espectro autista, eles tem interesses específicos e se aprofundam neles.

Das inúmeras formas de psicoterapia para tratamento de TEA existe a análise de comportamento aplicada (Applied Behavior Analysis, ABA) que trabalha com a observação detalhada do comportamento. Há também a terapia cognitiva comportamental (TCC) que contribui para a fala da criança e a terapia fonoaudiológica que incentiva o desenvolvimento da fala e da comunicação, mediadas por brincadeiras e jogos, nos quais é necessário comunicar-se com o outro. Aqueles que não falam podem usar o programa PECS (Picture Exchange Communication System) que induz a criança a se comunicar através de figuras.

Não há medicação para o tratamento do transtorno que atuem na socialização e comunicação, mas há indicações de medicamentos para intervenção de sintomas, como: agressividade, irritabilidade, hiperatividade, epilepsia, distúrbios de sono, dentre outros (BORDINI, CAETANO E CUNHA, 2015).

O ato comunicativo é uma das principais áreas de intervenção, pois está profundamente afetada, vale ressaltar que alguns autistas não adquirem a linguagem verbal e os que possuem, apresentam problemas na fala como dificuldade em construir diálogos e se expressar de forma contextualizada. O uso do registro estereotipado é uma característica muito forte no autismo. A linguagem é uma realidade eles não compreendem quando utilizamos a linguagem como figura de linguagem, desta forma, as observações são úteis para estimular essas inabilidades. A escola deve entrar em parceria com a equipe de profissionais no tratamento do autista, visto que as crianças passam a maior parte do tempo nessa instituição que são importantes para a estimulação comportamental, social e de aprendizagem do indivíduo.

### **3 O PODER DA LINGUAGEM**

Todo ser humano se comunica e a linguagem tem sido utensílio necessário para ele, o sistema linguístico tem função de aprendizado, pois a criança assimila e aprende progressivamente pelo contato com o meio que vive. O processo de aquisição da linguagem é um aprendizado cultural e está ligada ao ambiente que constitui o ser. A linguagem é uma função humana para se comunicar com o outro, seja ela, verbal ou não verbal. Assumindo uma posição estruturante, vez que, é constitutiva do sujeito e é por ela que nos comunicamos com as pessoas quer seja pela escrita ou pela fala.

A comunicação é essencial para a sua interação com o mundo e é através da linguagem que o ser humano expõe seus pensamentos e sentimentos. Por esse motivo é importante que a família, profissionais da educação e da saúde saibam como se desenvolve a linguagem para que se tornem capazes de estimular adequadamente as crianças e até mesmo notarem quando apresenta alguma alteração nesse processo.

A linguagem é um fator que diferencia o homem dos animais. Com esse atributo, o indivíduo permite representar o mundo, compreender e agir sobre ele. Portanto, a comunicação é essencial para a humanidade. Nesse sentido, o ser humano é formado a partir da e na linguagem que preexiste no ser (RÊGO E CARVALHO, 2006). Para Filosofia Clássica, o sujeito possui razão, conseqüentemente, tem percepção de conhecimento do mundo. Partindo dessa afirmativa, Piaget (1973) acredita que por meio da estruturação

cognitiva ocorre o processo de aquisição linguística que a criança adquire sobre o meio, construindo simbolismo, criando representações e significados.

A linguagem torna-se uma ferramenta de conhecimento em construção, o que Piaget chama de concepção construtivista. Entretanto, a perspectiva estruturalista lacaniana tem ideia divergente a de Piaget. Lacan (1986) defende que o sujeito é inconsciente e estruturado pela linguagem, isto é, o ser não usa a língua como instrumento, mas é subordinado por ela. Nesse sentido, a comunicação é significação e construção do sujeito.

Dentro da perspectiva do psicanalista Lacan, em relação à criança autista, nota-se uma falha na comunicação com o outro que resulta no fracasso da construção do eu. Prova disto é o fato de Lacan analisar uma criança autista de 4 anos e observar que ela apresentava vocabulário e desenvolvimento intelectual fraco, ausência de sentimentos e indiferença à presença de pessoas. Ressaltou também que ela vivia em um mundo “não humano” por conta de não ter conseguido uma identificação primária.

Claro que essa perspectiva é histórica a época de Lacan, ou seja, estudos tem pontuado a importância da estimulação das terapias e que a ausência de sentimentos é aparente pois não podemos ter a certeza já que é através da linguagem que a Psicanálise trabalha e quando o indivíduo tem dificuldade de se expressar e é realizada terapias para o seu desenvolvimento vai desenvolver a linguagem mas não a linguagem que queremos, mas sim uma monossilábica, direta e sem rodeios.

Perissinoto e Tamanaha (2015) afirmam que desde os primeiros anos de vida, antes mesmo da fala, os bebês produzem comportamentos comunicativos precursores da linguagem que permitem a interação entre o bebê e o adulto. Um exemplo dessa comunicação é o choro da criança. Com o tempo, habilidades como o choro, gestos, olhares vão evoluindo ao longo da vida tornando-se capaz de sustentar diálogos. Embora esta trajetória de aquisição e desenvolvimento da linguagem seja universal, existem crianças que por motivos especiais não conseguem transgredir. Pode-se citar o indivíduo que possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

De acordo com Davis e Oliveira (1990), o desenvolvimento linguístico permite que o ser assimile tudo o que lhe é ensinado, seja por meio das perguntas ou do aprendizado adquirido do ambiente em que convive. Isso quer dizer que ela está se apropriando de uma experiência humana social que é construída e modificada progressivamente. Essa é a primeira das funções linguísticas: possibilitar a comunicação, transmissão de informações e, conseqüentemente, a assimilação de conhecimento.

Parafraseando Davis e Oliveira (1990), a linguagem também tem outra função importante: a de organização, articulação e orientação do pensamento. A partir do momento que a criança começa a nomear coisas usando palavras isoladas ou combinações delas, ela está discriminando para guardá-las na memória. Outro aspecto fundamental do ato comunicativo é de abstrair características às quais se referem. Com isso é possível relacionar elementos entre si e agrupar em categorias. Desse modo, a língua permite abstração e generalização que são essenciais para o raciocínio.

Por fim, a comunicação é um elemento central no processo do comportamento humano, a princípio, o sujeito é assujeitado<sup>2</sup> pelos pais, os mesmos se tornam o reflexo da criança. Quando o indivíduo aprende e organiza seu comportamento, ele prevê os resultados das experiências assimiladas. Existe linguagem de diversas formas: verbal, visual, sonora, gestual, pelo movimento ou pensamento. Dessa forma, todo ser humano vive em um mundo linguístico e simbólico. Particularmente, o autista ocupa um lugar singular diante da linguagem, adotando uma posição subjetiva em relação à língua originada do seu campo linguístico.

#### **4 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM AUTISTAS**

Ao longo da vida, todas as atividades humanas são acompanhadas da linguagem. Visto que seu desenvolvimento linguístico se dá durante os primeiros anos de vida. A sua aquisição é inata e natural, podendo ser questionada quando a criança demora a falar. Desde bebê, a criança já expressa seu estado cognitivo, fisiológico e afetivo e, a mãe o compreende. Quando a criança utiliza destas expressões consideradas como palavras, ela domina a comunicação, mais especificamente, em um nível pré-linguístico do desenvolvimento (CHEVRIE-MULLER E NARBONA, 2005).

Pode-se afirmar que a linguagem é um fator de interação social, ela permite a comunicação entre indivíduos, às trocas de informações e experiências. A linguagem é uma das características para o desenvolvimento e relacionamento do ser enquanto falante, uma vez não estimulada, pode impedir até a sua aquisição. Se algum elemento interferir no processo de aquisição da linguagem é provável não se recuperar posteriormente desse prejuízo, mesmo

---

<sup>2</sup> Segundo Canabarro e Alves (2009), o ser se torna assujeitado quando é submetido a um discurso que não permite a suposição de nenhum saber que seja efetivo a ele.

que a causa seja interrompida. O aprendizado linguístico pode não ser constante, mas pode danificar com a idade (MOGFORD E BISHOP, 2002).

A iniciação da linguagem marca o desenvolvimento cognitivo e social do ser. Embora, o indivíduo não fale durante os primeiros anos de vida, o convívio e a interação social são importantes para desenvolver a comunicação. O bebê, por exemplo, possui linguagem limitada, porém pode ser entendida através do choro e dos gestos (PERISSINOTO E TAMANAHA, 2015). Portanto, todo ser humano possui o dispositivo da comunicação, mesmo que esta seja gestual.

A dificuldade em si relacionar é um ponto crucial do TEA, estudos apontam que nos primeiros anos, um bebê típico aprende por meio da observação, isto é, elas assimilam o comportamento do adulto. Já um bebê com espectro dirige sua atenção para objetos e deixa de perceber as pessoas, fazendo com que perca parte do aprendizado, no que reflete num atraso do desenvolvimento. O lado cognitivo é definido de forma rígida e inflexível atingindo as áreas do pensamento, linguagem e comportamento. Opta pela obsessão por objeto, inaptidão a mudanças de rotina e dificuldade para criar ou imaginar (DE LEMOS, 1997).

Para Fernandes (1994), a linguagem representa um aspecto fundamental em qualquer critério diagnóstico autista. Diversas pesquisas consideram que a criança com TEA apresenta dificuldade na fala, por isso, as propostas educacionais e terapêuticas estão direcionadas a comunicação. Portanto, a linguagem tem papel central para o diagnóstico autista e possíveis alterações no processo da fala.

A insuficiência de estímulos podem apresentar atrasos na formação cognitiva, afetiva e social (CHEVRIE-MULLER E NARBONA, 2005). Os sinais não verbais de comunicação sofrem uma degradação em relação à aquisição. Então, a atenção compartilhada e a atenção visual são prejudicadas. Enquanto crianças típicas conseguem dialogar, já as autistas não sabem pela ausência dos atos da fala. Essa inabilidade compromete o desenvolvimento comunicativo e a reciprocidade social. Prova isto o fato de cerca de 70% dos autistas não conseguirem utilizar a comunicação verbal devido a uma complicação mental. Em alguns casos, a falta de resposta pode estar associada à perda auditiva, por isso é necessário uma avaliação detalhada do paciente (PERISSINOTO E TAMANAHA, 2015).

O processo de avaliação e diagnóstico começa pela história do desempenho da criança, a partir da observação e da transcrição da sessão com base nos critérios da Prova de Pragmática do Teste ABFW. Para assim, verificar as possíveis evoluções e prejuízos de desempenho (FERNANDES, 2000). Dessa forma, a avaliação minuciosa da linguagem

permitirá descobrir as inabilidades para que possa realizar a intervenção terapêutica e fonológica adequada ao perfil do autista.

Assumindo uma postura estruturalista, que traz o lado constitutivo da linguagem De Lemos (1997), elenca que o processo de aquisição de linguagem ocorre através da relação entre a criança e a língua. O funcionamento da língua se dar por meio de três elementos as quais a criança passa no seu percurso rumo ao desenvolvimento linguístico: o outro, a língua e a fala do sujeito. Na primeira posição, o sujeito falante é o representante da língua, ou melhor, a criança espelha a fala do outro, ocorrendo repetições e uso de fragmentos dos enunciados do adulto. A segunda é o funcionamento da língua, a fala, embora do outro, adquiri seu estatuto de língua através da subjetivação. E a última caracteriza-se pela relação do sujeito com a sua própria fala.

O autor sustenta a hipótese de que o autista assume uma postura subjetiva diante da língua mesmo que bastante singular. Algumas crianças apresentam linguagem reduzida, que surge entre 4 e 5 anos. Para Carvalho e Avelar (2002), o uso de repetições da fala do outro, a ecolalia, levou Kanner a condizer que o autista reproduzia, como um papagaio, tudo aquilo que é dito. A ecolalia é muito frequente na linguagem TEA. Visto que o autista repete palavras e frases que ouviu, muitas vezes, o que ele diz não corresponde a situação. Alguns autistas apresentam inteligência e fala intactas, outras tem deficiência intelectual que podem variar de leve a severa no desenvolvimento da linguagem.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O comportamento do autista sempre foi um grande objeto de estudo, não só por parte da família, mas também dos investigadores de diversas áreas. O comportamento e as modalidades de comunicação da criança autista são motivos de amplo fascínio. O desenvolvimento da linguagem do autista tem sido cada vez mais estudado, visto que a aquisição (ou não) desta é considerada um dos sintomas. Além disso, o uso da linguagem tem um importante efeito nas relações sociais que a criança estabelece, permitindo-a integrar-se num contexto social e cultural.

A linguagem humana é um instrumento dos estudiosos na tentativa de entender o comportamento humano, seu intelectual e suas culturas ligadas à sociedade. Um dos maiores aspectos do comportamento humano que mantém as relações sociais de convívio é a linguagem. Esta pode ser entendida como um recurso facilitador da comunicação e

socialização, o qual permite a codificação e decodificação de códigos que permeiam o mundo. As inabilidades de comunicação é uma das características de identificação precoce para possíveis distúrbios do espectro autístico.

O desenvolvimento da linguagem compromete a aquisição do sistema linguístico que possibilita a inserção ao meio social, assume identidade, além de desenvolver aspectos cognitivos. O atraso na aquisição da linguagem impede um amadurecimento da linguagem fundamental para o desenvolvimento da leitura e escrita. Esse déficit irá incidir no vocabulário reduzido, sucessivamente, um conhecimento de mundo limitado. Tal abordagem prejudica a interpretação de texto e produção de histórias escritas.

O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome comportamental que possui diagnósticos clínicos diferentes de acordo com o grau de gravidade. Pode apresentar inaptidão ao se relacionar com os outros, comprometimento na linguagem, déficit na aprendizagem e uso de rituais repetitivos. A ideia de autismo tem sofrido várias transformações ao longo do tempo. O aumento de pesquisas na área tem gerado buscas por novas áreas de intervenção e conhecimentos. Visto que ainda não possui causas específicas, mas há vários estudos e possíveis suspeitas em processo de pesquisa.

Mudanças significativas vêm ocorrendo em relação ao Transtorno do Espectro Autista, transformações estas que refletem na reestruturação diagnóstica. Podendo assim, observar uma evolução desse transtorno, seja nos primeiros sintomas até uma intervenção. Assim, profissionais diversas áreas atualizados trabalham em conjunto permitindo ganho para indivíduo com maior funcionalidade e autonomia.

O processo de aquisição da linguagem da criança com autismo tem sido descrito como déficits e analisado de forma particular. O desenvolvimento linguístico nos autistas ocorre de maneira atípica, a ecolalia, a inversão pronominal e a inflexibilidade interacional são características deste processo. Alguns autistas apresentam inteligência e fala intacta, já outros, possuem padrões restritos de comportamentos por atos estereotipados. A maioria não fala e quando falam utilizam a repetição de palavras/frases. Dessa forma, a ecolalia se torna marca registrada da linguagem autista.

É oportuno esclarecer que o autismo é uma condição que não se vincula a nenhuma deficiência, mas como um estado. Há pesquisadores que consideram deficiência e outros que não consideram, necessário se faz esclarecer que existem casos severos que vem com outras deficiências secundarias aglutinadas, como deficiência visual e autismo, deficiência intelectual e autismo.

Requer estudos para entender, conhecer e propor mudanças no progresso da linguagem. Cruzando linhas como linguagem e autismo, esta pesquisa objetivou compreender as produções científicas sobre autismo e linguagem, as principais teorias que norteiam o desenvolvimento linguístico no autismo e conhecer o processo de aquisição de linguagem na pessoa com TEA. Indicado para estudiosos, pesquisadores e profissionais da educação. Dito como um panorama contemporâneo de pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

## REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca. Inclusão e aprendizagem: novos rumos. **O sentido do erro no ato de aprender**. Pernambuco, n. 90, set./out., 2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais: DSM-5**. Traduzido por Maria Inês Corrêa Nascimento. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante; CUNHA, Gracielle Rodrigues da. **Autismo, transtornos do espectro do autismo**. In: AUTISMO, LINGUAGEM E COGNIÇÃO. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

CANABARRO, Rita de Cássia dos Santos; ALVES, Márcia Barcellos. **Uma pílula para (não) viver**. Revista Mal Estar e Subjetividade. Fortaleza, v. 9, n. 3, set., 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300005)>. Acesso em: 23 de dezembro de 2016.

CARVALHO, G. M. M.; AVELAR, T. **Aquisição da linguagem: teoria e pesquisa**. Recife: Ed. da UFPE, 2002.

CHEVRIE-MULLER, Claude; NARBONA, Juan (orgs.). **A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos**. 2. ed. Tradução de Jeni Wolff. Porto Alegre: Artemed, 2005.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

DE LEMOS, C. **Processos Metafóricos e Metonímicos: seu Estatuto Descritivo e Explicativo na Aquisição da Língua Materna**. Trabalho apresentado no The Trend Lectures and Workshop on Metaphorand Analogy, Trento. Itália: 1997.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **A questão da linguagem em autismo infantil – uma revisão crítica da literatura**. Revista Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência. São Paulo, v. 2, n. 3, out., 1994. Disponível em: <[http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed\\_02\\_3/in\\_05\\_03.pdf](http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed_02_3/in_05_03.pdf)>. Acesso em: 27 de outubro de 2016.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Prova de Pragmática**. In: Cláudia Regina Furquim de Andrade; Débora Maria Befi Lopes; Fernanda Dreux Miranda Fernandes; Haydée Fiszbein Wertzner. (Org.). **ABFW – Teste de Linguagem Infantil nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática**. ABFW – Teste de Linguagem Infantil nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. 1. ed., v. 1. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000.

FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L. (org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

JUNIOR, Francisco B. Assumpção; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo infantil**. Revista Brasileira de Psiquiatria. São Paulo, v. 22, n. 2, dez., 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462000000600010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600010)>. Acesso em: 27 de agosto de 2016.

LACAN, J. **O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MOGFORD, K.; BISHOP, D. Desenvolvimento da linguagem em condições normais. In: Bishop, D.; MOGFORD, K. **Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

PAVARINI, M. G.; SOUZA, D. H. Teoria da mente, empatia e motivação pró-social em crianças pré-escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, jul./set., 2010.

PERISSINOTO, Jacy; TAMANAHA, Ana Carina. **Avaliação de linguagem nos transtornos do espectro do autismo**. In: AUTISMO, LINGUAGEM E COGNIÇÃO. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PIAGET, Jean. **A psicologia**. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

PIONTELLI, Alessandra. **De Feto a Criança: um estudo observacional e psicanalítico**. Traduzido por Joana Wilhelm, Nícia Lyra Gomes e Sônia Maria de Godoy. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

RÊGO, Fabiana Lins Browne; CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. Aquisição de linguagem: uma contribuição para o debate sobre autismo e subjetividade. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 26, n.1, mar, 2006.

STONE, F.H.; KOUPERNIK, C. **Psiquiatria Infantil para Estudantes**. Traduzido por Ana Rabaça. Lisboa: Compendium, 1981.

## ABSTRACT

The Autistic Spectrum Disorder (ASD) is characterized by significant impairments in social interaction, in language (verbal and not verbal) and by patterns of repetitive and stereotyped behaviors. From the first years of life, the child should be observed by his caregivers so that the possible implications for communicative and interactional development can be intervened by specialists, early identification is important to develop the lags that the autistic has and its possible limitations. Currently we find a growing number of people with autism, as well as the growing number of studies on ASD. In this research, we seek to know the scientific productions about autism and language. From theories that guide the linguistic development in autism and the processes of language acquisition in the person with ASD. Clearly, the individual has all the conditions to speak, but he cannot or does not manifest difficulty in this process, depending on his early stimulation. This study shows that echolalia is one of the characteristics of autistic language.

**Keywords:** Autism. Acquisition of Language. Language.